

IMAGENS DA REFORMA SANITÁRIA (Rio Grande do Sul – 1929) *

IMAGES FROM THE SANITARY REFORM (RIO GRANDE DO SUL – 1929)

Gabrielle Werenicz Alves **

Resumo: O artigo analisa um conjunto de fotografias que retratam os serviços públicos criados a partir da Reforma dos Serviços Sanitários do Estado do Rio Grande do Sul, ocorrida em 1929. Inicialmente, aborda questões teóricas e metodológicas sobre o uso da fotografia como fonte histórica. Por fim, analisa as fotografias da reforma sanitária e o contexto em que elas foram produzidas.

Palavras-chave: Fotografia. Saúde pública. Reforma dos serviços sanitários.

Abstract: The article analyzes a set of photographs which portrays the public services created from the Reform of the Sanitary Services from Rio Grande do Sul State, occurred in 1929. Initially, it deals with both theoretical and methodological issues about the use of photographs as historical resource. Finally, it analyzes the photographs of the sanitary reform and the context they were produced.

Key-words: Photograph. Public health. Reform of the sanitary services.

Introdução

Em 1933, o Dr. Fernando de Freitas e Castro publicou um artigo na *Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina de Porto Alegre*, tratando sobre as transformações nos serviços de saúde pública realizadas pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul em 1929 (FREITAS E CASTRO, 1933). Publicadas juntamente com o texto, há um conjunto de 96 fotografias. Centrando-se o olhar nesta série fotográfica, alguns questionamentos surgem: o que estas imagens procuram informar sobre a reforma dos serviços sanitários realizada pelo Governo do Estado em 1929? Que representações trazem sobre a saúde pública, sobre a população que era atendida pelos serviços do governo e sobre os profissionais que atuavam nestes serviços? Além de instigar sobre as imagens que

* Este tema é parte da dissertação que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, sob orientação do Prof. Dr. René E. Gertz, cujo título provisório é “*Políticas para a saúde pública no Rio Grande do Sul (1928-1945)*”.

** Graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista CNPQ.

apresentam, tais fotografias também levantam dúvidas sobre as circunstâncias em que foram produzidas: quem fez estas fotografias? Em que condições? Com que fins? Que uso foi dado às mesmas? Para quem teriam significado? Partindo desta problemática, o objetivo central do presente artigo é analisar esta série fotográfica publicada na *Revista dos Cursos*, levando em conta tanto as informações que a imagem fotográfica pode fornecer, bem como as circunstâncias em que foram produzidas e o meio em que foram publicadas.

A fotografia passou a ser utilizada enquanto fonte para a História na década de 1970. No Brasil, Boris Kossoy teria sido o primeiro a apontar perspectivas possíveis em estudos históricos envolvendo a fotografia (KOSSOY, 1976, 1980, 1989). Nas décadas seguintes, mais trabalhos foram sendo produzidos, e o campo começou a aflorar.¹ Inúmeras propostas teóricas e metodológicas foram criadas para instrumentalizar o trabalho com este tipo de fonte. Neste sentido, pode-se destacar a análise das representações apresentadas pela fotografia; sua história, técnicas e profissionais; o estudo do circuito social da fotografia, incluindo sua produção, circulação e consumo. A partir de então, a fotografia passou a ser encarada como um documento, “como uma construção cultural, cuja confecção e difusão têm uma história que não pode ser desconhecida pela análise histórica.” (BORGES, 2003: 81)

Ana Maria Mauad compreende a fotografia não apenas como um documento, mas também como um monumento, apropriando-se do célebre conceito de Jacques Le Goff de documento/monumento. Para Mauad (1996: 85-86)

[...] há que se considerar a fotografia, simultaneamente, como imagem/documento e como imagem/monumento. No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado – condições de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural, condições de trabalho, etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo.

Enquanto índice, a fotografia pode servir de testemunho e representação de uma realidade passada. Enquanto ícone, a fotografia é um símbolo, expressa as intenções das sociedades do passado de constituir uma única imagem para herdar ao futuro, conformando uma determinada visão de mundo.

Durante muito tempo a fotografia foi considerada como o espelho da realidade, um retrato fiel dos fatos, dificilmente sendo utilizada como fonte histórica. Entretanto, tal concepção foi abandonada pelos estudiosos da fotografia há algumas décadas e atualmente, ela é vista como uma conjunção de realidade e ficção. Há o reconhecimento de

¹ Como exemplo, temos os trabalhos de FABRIS, 1997; LEITE, 1993; LIMA, 1997.

que os planos, os focos, o jogo de sombra e luz que a compõem são marcados pela encenação que a intenção do fotógrafo cria (BORGES, 2003: 84), uma possibilidade dentre tantas outras. Segundo Marcelo Araújo e Luís Reznik (2007: 1019)

[...] a fotografia apresenta um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram esteticamente congelados num dado momento de sua existência/ocorrência. Em outros termos, a fotografia não comporta a verdade plena de um acontecimento social, mesmo sendo produzida com esse objetivo. Assim como as demais fontes de informação histórica, a fotografia é um “artefato social” que deve ser interpelado a partir de um processo de interação entre o produtor da imagem, seu objeto e nós, seus espectadores. O fotógrafo, tal qual o historiador, “conecta o real” e o representa através do foco de sua câmara.

Como afirma Boris Kossoy, assim como os demais documentos, as fotografias também são plenas de ambiguidades, portadoras de significados não explícito e de omissões pensadas, calculadas, aguardando pela competente decifração. (KOSSOY, 1993: 14)

Uma metodologia que pode ser utilizada para analisar uma série fotográfica é a proposta por Ana Maria Mauad. Esta historiadora propõe uma abordagem histórica-semiótica, pois acredita que a fotografia, na qualidade de texto, pressupõe competências para sua produção e leitura, devendo ser concebida como uma mensagem que se organiza a partir de dois segmentos: expressão e conteúdo. Para Mauad, a forma da expressão envolve escolhas técnicas e estéticas, tais como tamanho, formato e suporte, tipo (instantânea ou posada), enquadramentos, definição da imagem, contraste e cor; já o conteúdo é determinado pelo conjunto de pessoas, objetos, lugares e vivências que compõem a fotografia (MAUAD, 1996). A partir desta proposta metodológica, expressão e conteúdo devem ser detalhadamente analisados, para melhor se compreender e interpretar a fotografia.

Para a análise realizada neste artigo, optou-se pela leitura histórica-semiótica proposta por Ana Maria Mauad, mas sem perder de vista o circuito social da fotografia e o meio onde estas fotografias foram publicadas.

A reforma dos serviços sanitários do Rio Grande do Sul

Até 1928, cabia ao Estado os cuidados com a saúde pública, e aos municípios os serviços de saneamento público. Porém, devido a dificuldades financeiras as municipalidades, com raras exceções, pouco faziam. Consequentemente, o Estado ficava impossibilitado de cumprir adequadamente a sua função nesta área.

Ao ser eleito presidente do Estado do Rio Grande do Sul em 1928, Getúlio Vargas iniciou uma série de transformações nos serviços de saúde pública. Uma das primeiras medidas realizadas na época foi a reorganização dos serviços sanitários. Para resolver os problemas enfrentados, o governo do Estado propôs a unificação dos serviços de higiene e

de saúde pública, sob uma única direção. A partir de então, todos os serviços sanitários, quer de higiene, quer de saúde pública, seriam exclusivamente executados pelo Estado, embora com o auxílio material dos municípios. Para não ferir os princípios constitucionais da época, que previam a autonomia municipal, o governo instituiu que os serviços de higiene passariam para o Estado mediante convênios. O primeiro município a aderir a este convênio foi Porto Alegre. Foi também o primeiro a ter seus serviços remodelados, de acordo com a nova orientação. Porto Alegre foi seguida de Santa Maria, São Borja, Torres, Uruguaiana, Boqueirão, Itaqui e Cachoeira. Devido às dificuldades financeiras e mudanças na política do país (em especial a Crise de 1929 e a Revolução de 1930), o projeto não foi expandido para os demais municípios do estado.

Estabelecida a unidade de comando, passou-se para a segunda etapa do trabalho, ou seja, o de organização do Plano Geral de Reforma dos Serviços Sanitários. Neste sentido, foi criada uma complexa estrutura administrativa, que envolvia Delegacias de Saúde, Postos de Higiene e Inspetorias Sanitárias, subordinados a uma Repartição Central (a já existente Diretoria de Higiene e Saúde Pública do Estado).

Como dirigente desta reforma foi escolhido o Dr. Fernando de Freitas e Castro, chefe da Diretoria de Higiene e professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Freitas e Castro havia realizado uma viagem de estudos aos Estados Unidos nos anos de 1922-1923 e, desta viagem, trouxe conhecimentos a respeito da organização dos serviços de saúde daquele país, que começavam a influenciar os médicos brasileiros, principalmente a partir da década de 1920.²

Em 1933, Freitas e Castro publicou na *Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina de Porto Alegre*³ um longo texto, uma espécie de relatório no qual fez a exposição dos serviços que sob sua direção, foram criados ou modificados (FREITAS E CASTRO, 1933). Juntamente com este texto há um conjunto de 96 fotografias que, ao que tudo indica, possuem uma dupla finalidade. A primeira finalidade consistiria em "provar" o que foi realizado a partir da Reforma Sanitária de 1929. Uma segunda finalidade das fotografias seria dar publicidade, difusão às transformações empreendidas na ocasião, e dirigidas pelo médico.

Exposto o contexto de sua publicação, partimos agora para a análise deste conjunto de fotografias que aparecem junto com o texto de Fernando de Freitas e Castro.

² Até aquele momento, a medicina francesa havia sido um modelo para os médicos brasileiros. Porém, na década de 1920, houve a substituição do modelo francês de gestão da saúde pelo norte-americano, representada pela presença da Fundação Rockefeller no Brasil. Cf. SILVA, 2003: 13.

³ Lançada no ano de 1915, na ocasião do 17º aniversário da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, a *Revista dos Cursos* tinha como proposta ser um periódico dedicado a divulgar trabalhos sobre a própria Faculdade e estudos realizados por seus profissionais, em publicações anuais. Desde seu primeiro volume a revista apresenta fotografias.

As fotografias da Reforma Sanitária: análise externa e interna

Para serem publicadas, as 96 fotografias que acompanham o texto de Freitas e Castro foram organizadas em séries, editadas e posicionadas de diferentes maneiras, não seguindo uma linha reta e homogênea. Elas foram organizadas em conjunto de 2 até 9 imagens por página. Algumas possuem cortes nas extremidades, para se encaixarem melhor ao conjunto das demais fotografias.

O tamanho das fotografias não varia muito: elas medem de 5x6cm a 7x9cm. Apenas algumas apresentam tamanho um pouco superior às demais, medindo até 8x12cm. Das 96 fotografias, 28 possuem formato oval, sendo que as demais possuem formato retangular. Quanto ao enquadramento, há o predomínio de fotografias de formato horizontal, havendo apenas 6 imagens verticais, das quais 5 apresentam a fachada de postos de saúde.

Há também o predomínio de imagens posadas, com somente 11 fotografias sendo instantâneas (ou ao menos, tentando mostrar certa instantaneidade). Tiradas durante o dia, todas as fotografias apresentam boa nitidez e não possuem problemas com foco.

Do conjunto das fotografias, 47 apresentam pessoas, que aparentemente representam dois grupos de indivíduos: aqueles que utilizam os serviços da Diretoria de Higiene e aqueles que são funcionários destes serviços (médicos, desinfectores, motoristas, escriturários, educadoras sanitárias, fiscais sanitários). As fotografias também são significativas para se analisar questões de gênero. Das pessoas que utilizam os serviços de saúde oferecidos pelo governo do Estado, todas são mulheres junto com crianças. Nenhum paciente homem aparece nas fotografias. Os homens retratados são funcionários dos serviços de saúde. Estes, de acordo com as legendas das fotografias, são médicos, fiscais sanitários, escriturários ou auxiliares de escritório. Considerando as legendas das fotografias, conclui-se que a maioria das mulheres funcionárias dos serviços de saúde atuava principalmente no papel de educadoras sanitárias, com pouquíssimas aparecendo no papel de enfermeiras ou médicas.

Quanto ao espaço geográfico, as fotos foram tiradas, em sua maioria, em um ambiente urbano. Apenas as que retratam o Instituto de Higiene e o Hospital de Isolamento apresentam ambiente rural. Do conjunto de fotografias analisadas, 26 tiveram tomadas externas, sendo que as demais foram tiradas em tomadas internas. Na época em que as fotos foram feitas (provavelmente, início da década de 1930), isto já era possível, pois os fotógrafos se beneficiaram do desenvolvimento técnico do equipamento fotográfico e da invenção do flash (esta última ocorrida em 1917). Até aquele momento, a ausência de flash:

[...] fazia com que as fotos precisassem ser sempre externas ou contassem com um estúdio com uma clarabóia, capaz de iluminar com a luz solar, através do vidro, o interior para as tomadas internas. No caso das

fotografias externas, o tempo bom (a luminosidade ideal) era uma exigência fundamental e limitadora para as tomadas. (LEITE, 1993: 40)

As fotografias externas mostram, em sua maioria, a fachada de prédios das instituições criadas ou remodeladas pela Reforma de 1929. Já as fotografias internas mostram essas mesmas instituições, porém, destacando seus consultórios médicos, laboratórios, escritórios administrativos e salas de espera.

O conjunto total das fotografias está dividido em pequenas séries fotográficas, colocadas no texto de acordo com o que estava sendo narrado. A primeira série de fotografias mostra imagens do Instituto de Higiene do Estado. Centro de estudos e pesquisa científicas no terreno de Higiene e da Saúde Pública, era o local onde se preparavam os produtos utilizados nos serviços sanitários (como soros, vacinas, soluções injetáveis, medicamentos, anticépticos, desinfetantes e desinfestantes). Freitas e Castro argumenta que “para justificar a razão de sua existência, basta dizer que a União possui o Instituto Oswaldo Cruz, São Paulo o Instituto Butantan e o do Rio Grande do Sul o Instituto de Higiene Borges de Medeiros” (FREITAS E CASTRO, 1933: 163). Localizado em Pelotas, foi originalmente uma instituição municipal, cedida ao Estado em 1929.

A partir das fotografias do Instituto de Higiene, descobrimos alguns detalhes não informados pelo texto que o acompanha. O Instituto estava localizado provavelmente em um grande terreno na cidade de Pelotas. Seu prédio central era uma construção majestosa, típica do início do período republicano. Neste prédio estavam localizados inúmeros laboratórios, um auditório e uma grande biblioteca. A instituição possuía também ambientes externos, como serpentário, canil, cocheira, covaieira, além de plantações, ou seja, ambientes destinados à criação de animais e cultivo de plantas indispensáveis para a produção de vacinas, soros e medicamentos. A única imagem onde aparecem os funcionários da instituição é uma fotografia posada, que apresenta ao fundo um quadro com a imagem do médico-sanitarista Oswaldo Cruz.

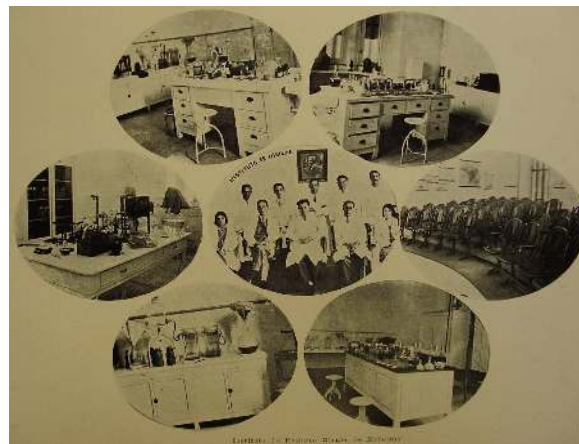
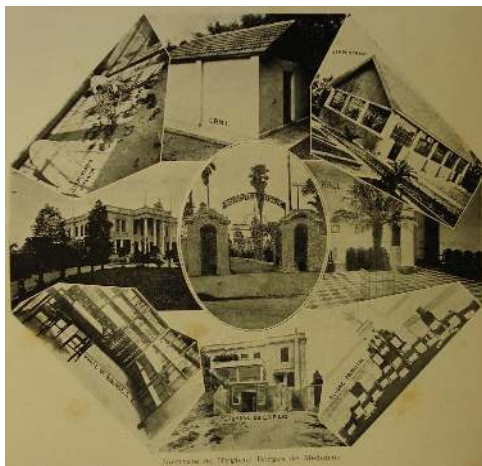


Imagem 1 e 2 - Instituto de Higiene Borges de Medeiros. Fonte - FREITAS E CASTRO, 1933.

O segundo conjunto de imagens apresenta os Centros de Saúde distribuídos em Porto Alegre. As fotos desta cidade talvez tenham sido escolhidas por esta ser uma das mais populosas do Rio Grande do Sul e requerer um sistema de saúde mais complexo, dividido em Distritos Sanitários. Segundo Freitas e Castro, “as demais Delegacias de Saúde não apresentavam dificuldade de instalação, porque sendo em cidades com áreas reduzidas e populações pequenas, não comportavam a divisão dos serviços dos Distritos Sanitários.” (FREITAS E CASTRO, 1933:178).

Fotografias dos cinco Centros de Saúde foram publicadas na revista, sendo que estas seguem certos padrões. O primeiro padrão verificado diz respeito aos funcionários da parte administrativa e fiscalização, que aparecem nas fotos de todos os Centros de Saúde, posando (alguns sentados atrás de mesas, os demais em pé atrás destes), geralmente usando terno e gravata, formando grupos compostos na grande maioria de homens. A foto dos médicos também segue este padrão, mas os médicos se diferenciam dos demais pela roupa: eles usam jalecos brancos (mas também usam gravatas). A partir das imagens do 3º. Distrito Sanitário, ao lado dos médicos homens, aparecem mulheres no papel de educadoras sanitárias.

Todas as instituições representadas estão localizadas em pequenos prédios, com um ou dois andares, além do porão. As fachadas possuem ricos detalhes de decoração, em estilo típico do início do século. Dos cinco Centros de Saúde, três possuem fotografias de sua fachada sem pessoas na frente, valorizando assim a construção. No 3º. Distrito Sanitário, a imagem externa do centro de saúde apresenta uma diferenciação em relação às demais: o fotógrafo registra não apenas a fachada, mas também uma fila de mulheres com crianças de colo (todas em pé), bem como pessoas na sacada do pequeno edifício. Tais representações serão seguidas nas fotografias do 4º. Distrito Sanitário onde, à frente desta instituição, existe um grande grupo de mães e filhos (mas nesta ocasião, muitos estão sentados).

Com exceção das fotografias do 3º. Distrito Sanitário, todas as séries apresentam imagens de consultórios dos “Dispensários de Tratamento das Moléstias Venéreas” (com ou sem médicos posando no local). Juntamente com os serviços de “Profilaxia da Tuberculose” (que curiosamente não aparecem nas fotografias), o tratamento das doenças venéreas representava um serviço de destaque dentro da estrutura de saúde oferecida pelo Estado.

O Centro de Saúde do 1º. Distrito Sanitário aparece em menos imagens, representando ter um sistema mais simples. O texto de Freitas e Castro informa que todos os Centros de Saúde deveriam possuir os mesmos serviços, ou seja, seções de expediente, fiscalização sanitária, epidemiologia e profilaxia, propaganda e educação sanitária,

Dispensários de Higiene Infantil com serviços pré-natal e para crianças pequenas (FREITAS E CASTRO, 1933:169). Porém, a partir da análise das fotografias, pode-se deduzir que, ou não possuíam serviços idênticos, ou era dado mais valor a determinados serviços em detrimento de outros, dependendo do Distrito em que o Centro de Saúde estava localizado.

As fotografias do 2º. Distrito Sanitário de Porto Alegre, ao contrário do 1º. Distrito que só retrata homens, apresenta duas mulheres na função de funcionárias da instituição. Há ainda a foto do “Dispensário de Higiene Infantil” e do gabinete do diretor (fotos sem pessoas).

Quanto às imagens do 3º. Distrito Sanitário, o fotógrafo ou responsável pela edição das imagens parece querer representá-lo como sendo especializado em higiene infantil. Neste conjunto de imagens, aparecem mulheres com crianças no colo, em quase todas as fotos. Há também fotografias de mães com seus filhos em uma sala de espera, e crianças sendo atendidas no “Dispensário de Higiene Infantil”. As mulheres também têm destaque como funcionárias deste posto de saúde, no papel de educadoras sanitárias. Tais representações se repetem nas imagens do 4º. e 5º. Distrito. Nestes dois conjuntos de fotografias, também existem crianças sendo atendidas nos “Dispensários de Higiene Infantil”, porém, ao contrário do distrito anterior (cuja foto do atendimento demonstrava ser instantânea) estas imagens são nitidamente posadas. No 5º. Distrito, há ainda imagens de duas salas de espera diferentes, na mesma instituição: sala de espera do “Dispensário para o Tratamento das Moléstias Venéreas” e a sala de espera do “Dispensário de Higiene Infantil”. Tais imagens demonstram que mesmo oferecendo diferentes serviços, a instituição também oferecia ambientes diferenciados de espera para seu público, o que permitia que crianças não precisassem ter contato com adultos portadores de doenças venéreas.



Imagem 3 - Centro de Saúde do 3º. Distrito Sanitário da Cidade de Porto Alegre
Fonte - FREITAS E CASTRO, 1933.

A série fotográfica seguinte apresenta inúmeros estabelecimentos comerciais, remodelados de acordo com as normas impostas pela Reforma Sanitária de 1929. Cada Centro de Saúde possuía profissionais responsáveis pela fiscalização destes estabelecimentos, em relação aos cuidados com a higiene dos locais, venda de produtos falsificados ou deteriorados. De acordo com Freitas e Castro (1933: 170)

O trabalho dos fiscaes foi intenso, mas coroado de pleno êxito, pois hoje póde-se percorrer qualquer Distrito Sanitario que se encontra por todos os lados o fruto da benemérita campanha por elles feita. Os açougues, as padarias, as torrefações de café, as leitarias, os armazéns, os bares, e botequins, os hotéis, as casas de pensões, etc. já se apresentam remodelados numa proporção muito grande. [...] Depois que a ação dos fiscaes se fez sentir, houve uma mudança completa e hoje o comercio dos genereos alimentícios, já respeita a saúde pública.

As fotos que acompanham esta parte do texto apresentam a fachada e a parte interna de açougues, padarias, torrefações de café e fábricas de sorvete, todos remodelados, segundo a legenda das imagens. Ao que tudo indica, as fotografias aparecem como provas dos bons serviços prestados pelos fiscais sanitários.

A próxima série de fotografias apresenta a Seção de Fiscalização da Importação de Gêneros Alimentícios, instituição independente dos Centros de Saúde, responsável por fiscalizar os alimentos vindos de fora da cidade. As fotos seguem o mesmo padrão das séries dos Centros de Saúde: fotografia da fachada do prédio, imagem posada dos funcionários, fotografia de laboratórios e guichês de atendimento.

Já a série Desinfectório enfatiza o equipamento utilizado para garantir os serviços, como os equipamentos de desinfecção, os veículos utilizados para a realização das atividades e a estufa que servia para a esterilização de roupas pertencentes às pessoas contaminadas por doenças infecto-contagiosas.

Por último, há a série do Hospital de Isolamento. Nesta série, o que mais chama a atenção é a representação feita da parte de fora do Hospital. Esta fotografia foi tirada a longa distância da instituição, provavelmente com o objetivo de demonstrar o quanto tal Hospital (responsável por abrigar e tratar portadores de doenças contagiosas) estava isolado do meio urbano, não representando perigo de contágio para a população sadia.



Imagem 4 - Hospital de Isolamento
Fonte - FREITAS E CASTRO, 1933.

Conclusão

Ao longo da pesquisa, não encontrou-se referência sobre o fotógrafo (ou fotógrafos) que produziram as fotografias, ano exato da produção ou sobre quem teria solicitado a realização de tais imagens. No entanto, estas questões acabam perdendo importância se partirmos para a análise do destino final que o conjunto fotográfico teve. A opção por publicá-las em uma revista significou levá-las ao conhecimento de todos, para serem vistas e lembradas, guardadas e consultadas. No caso da publicação através da *Revista dos Cursos*, significou a escolha de Fernando de Freitas e Castro em difundir as transformações realizadas pelo Governo do Estado no âmbito da saúde (comandadas por ele), aos seus pares, professores da Faculdade de Medicina, ou aos seus alunos, futuros médicos e talvez funcionários dos novos serviços de saúde pública.

Ao contrário das fotografias avulsas, um conjunto de fotografias publicadas formam uma série (ou séries) de acordo com a escolha de quem produziu as imagens ou do editor da revista. Neste sentido, como observou Silva (2003: 214), “a fotografia pode ser limitada como documento histórico em si. Sozinha, sem um contexto e referências, ela diz pouco. Isolada, a imagem nem constitui um discurso nem uma linguagem”. Porém, em uma série, e dialogando com seu contexto de produção, circulação e consumo, a fotografia como fonte histórica tem muito a dizer.

A imagem fotográfica constitui uma representação complexa de uma dada realidade, que abrange tempo, geografia, personagens e meios. Sendo assim, as fotografias aqui analisadas permitiram uma aproximação específica com o passado, diferenciada de outras fontes documentais, além de fornecer informações que fontes escritas provavelmente não forneceriam. As fotografias aqui analisadas muito informaram sobre as transformações nos serviços de saúde pública oferecidos pelo governo do Estado, contribuindo para um melhor entendimento destes serviços, bem como sobre sua época e contexto.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Marcelo da Silva; REZNIK, Luís. Imagens constituindo narrativas: fotografia, saúde coletiva e construção da memória na escrita da história local. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**. Rio de Janeiro: vol.14, n.3, p.1013-1036, jul.-set. 2007.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FABRIS, Annateresa. **Fotografia**: usos e funções no século XIX. São Paulo: Edusp, 1997.

FREITAS E CASTRO, Fernando de. Organização sanitária do Brasil e reforma dos serviços

sanitarios do Rio Grande do Sul. **Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina de Porto Alegre**. Porto Alegre: vol.19, p.156-84, 1933.

KOSSOY, Borris. **Hércules Florence, 1833**: a descoberta isolada da fotografia no Brasil. São Paulo: Faculdade de Comunicação Social Anhembi, 1976.

_____. **Origens e expansão da fotografia no Brasil** - século XIX. Rio de Janeiro: MEC/Funarte, 1980.

_____. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Estética, memória e ideologia fotográficas*. **Acervo**. Rio de Janeiro: vol.6, n.12, p.13-24, 1993.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família**: leitura da fotografia histórica. São Paulo: Edusp, 1993.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografia e Cidade**: da razão urbana à lógica do consumo - álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1997.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: Fotografia e História interfaces. **Tempo**. Rio de Janeiro: vol.1, n.2, p.73-98, 1996.

_____. Fotografia e História: possibilidades de análise. In: ALVES (Org.). **A leitura de imagens na pesquisa social: História, Comunicação e Educação**. São Paulo: Cortez, 2004, p.19-36.

SILVA, James Roberto. **Doença, fotografia e representação**. Revistas médicas em São Paulo e Paris, 1869-1925. São Paulo: USP, 2003. (Tese).

Recebido em *Agosto* de 2010

Aprovado em *Setembro* de 2010